

demografi

ELEMENTOS PARA O ESTUDO DAS CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS DE MACAU

*Alice Delerue A. de Matos **

1. INTRODUÇÃO

Em resultado do desenvolvimento socio-económico, Macau sofreu um processo de transição demográfica, à semelhança do que ocorreu nos restantes países industrializados do Este e Sudeste Asiático.

Considerando os níveis de natalidade e mortalidade e, conseqüente-mente, o crescimento natural da população, é possível destacar, neste processo, diferentes fases de evolução cuja delimitação temporal oferece algumas dificuldades, no caso do Território, dada a inexistência de séries estatísticas suficientemente longas.

O processo inicia-se com um número elevado de nados-vivos e óbitos que justifica um reduzido crescimento natural. Numa segunda fase, o nível de natalidade mantém-se constante enquanto diminui a mortalidade, determinando um crescimento muito nítido. No período seguinte, o ritmo a que a população vem aumentando sofre uma desaceleração uma vez que a natalidade segue a tendência decrescente da mortalidade, dando origem, numa última etapa, a taxas de natalidade e mortalidade muito baixas, responsáveis por um crescimento da população muito lento.

Na Ásia, este processo de transição demográfica foi liderado pelo Japão, onde a mortalidade começou a baixar ainda no século passado. Muito mais tardiamente do que na Europa, no entanto, aquele país regista níveis decrescentes de fertilidade após a 2.ª Guerra Mundial.

A maioria dos restantes países de características eminentemente urbanas do Este e Sudeste Asiático, acompanhando as respectivas fases de industrialização, inicia a penúltima etapa daquele processo evolutivo nos finais dos anos 50 e início da década de 60.

No entanto, o padrão de crescimento económico de Macau a partir dos anos 70, ao determinar importantes influxos migratórios, introduziu alguma originalidade neste processo, com paralelo apenas no vizinho território de Hong Kong.

* Departamento de Estatísticas Demográficas e Sociais da Direcção dos Serviços de Estatística e Censos.

2. ESTRUTURA ETÁRIA E POR SEXOS DA POPULAÇÃO

De acordo com o Recenseamento da População de 1970, Macau contava com 248 636 residentes, com uma idade média de 19 anos. Atendendo à importância dos grupos etários mais jovens, a população «dependente» (indivíduos com menos de 15 e mais de 64 anos) representava 73% da população em idade activa (dos 15 aos 64 anos¹).

De acordo com estimativas oficiais a população de Macau teve um crescimento médio anual de 3,3% entre 1970 e 1988, atingindo os 443 500 habitantes. A idade média da população eleva-se para 28 anos e o índice de dependência demográfica diminui para 38%, ou seja, cada grupo de 100 indivíduos economicamente «activos» tem agora a seu cargo apenas 38 economicamente «dependentes».

Os escalões mais jovens (menores de 15 anos) perdem importância relativa uma vez que constituíam 38% da população total em 1970 e apenas 22% em 1988. Ao contrário, os idosos (indivíduos com idade igual ou superior a 65 anos) representam actualmente 5,9% dos residentes, contra 4,7% em 1970. Apesar da tendência crescente deste escalão etário, Macau possui ainda uma população idosa muito reduzida quando comparada com a dos países desenvolvidos que atinge habitualmente os 15% da população total.

Alterações tão significativas na estrutura etária da população não podem explicar-se apenas pelo seu «envelhecimento» natural. Com efeito, têm origem fundamentalmente no volume de imigrantes, em idade activa, entrados no Território, a partir da década de 70. Este fenómeno traduz-se no bojo muito nítido da pirâmide etária de 1988 e no peso, traduzido no gráfico n.º 1, dos não naturais de Macau na população residente².

Se se mantivessem constantes os movimentos migratório e natural da população registados entre 1970 e 1988, a população de Macau duplicaria em 21 anos, ou seja, atingiria os 887 000 indivíduos no ano 2010. A persistência de movimentos migratórios da ordem dos registados naquele período pode levantar problemas de ordem social, tanto mais que a densidade populacional do Território assume já um dos mais elevados valores em termos internacionais (25 500 habitantes por km²).

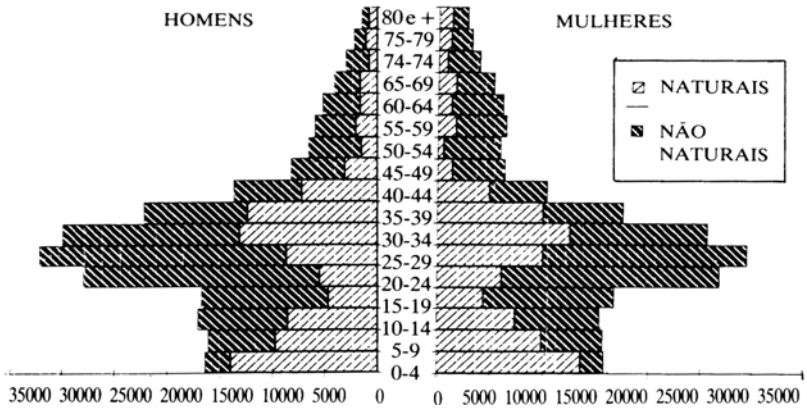
Os intensos influxos migratórios a que o Território tem estado sujeito e que justificam o ritmo de crescimento da população afectam, por outro lado, a relação de masculinidade, expressa geralmente pelo número de elementos do sexo masculino para cada 100 do sexo feminino. Este indicador não se afasta à nascença, habitualmente, dos 105 a 106 homens para cada 100 mulheres. Uma vez que a mortalidade afecta diferentemente cada um dos sexos, atingindo preferencialmente o sexo masculino nos grupos etários mais jovens, a relação de masculinidade, na ausência de movimentos migratórios, tem tendência a retomar o equilíbrio.

¹ Na ausência de informação mais detalhada, este indicador é normalmente utilizado para referir a carga económica que o segmento produtivo da população tem de suportar, independentemente de alguns indivíduos ditos «dependentes» serem produtivos e outros em idade activa serem economicamente dependentes.

² A decomposição ano a ano dos grupos etários populacionais foi obtida por recurso aos Coeficientes de T. Bond Srague.

Pirâmide etária de 1988

[Gráfico n.º 1]



3. FERTILIDADE

Apesar da existência de um grupo numeroso de indivíduos em idade fértil, a taxa de natalidade não ultrapassa os 18‰. Este facto, para além de caracterizar a última fase do processo de transição demográfica, prende-se ainda, eventualmente, com a presença de população imigrante maioritariamente oriunda da República Popular da China que, para além de imbuída de padrões de comportamento não natalistas, se fixou no Território fundamentalmente por motivos económicos.

Para uma análise mais rigorosa adoptaremos a taxa de fertilidade na medida em que, ao relacionar os nascimentos com vida com a população feminina em idade de procriar, ou seja entre os 15 e os 49 anos, permite eliminar as distorções resultantes das diferentes distribuições da população por idades e sexos.

A observação da evolução da taxa de fertilidade entre 1970 e 1988 permite concluir da sua normalidade. Com efeito, o gráfico n.º 2 permite constatar o aumento das taxas nos grupos etários mais baixos e a sua diminuição nos grupos menos jovens. Estas taxas conduzem a um número de filhos por mulher que atravessa o período fecundo sujeita a esse nível de fertilidade, de 2,2 em 1970 e de 1,5 em 1988. Este último valor é inferior ao necessário para conservar a dimensão da população por não permitir a substituição total do grupo reprodutor.

Atendendo à velocidade com que a taxa de fertilidade declinou nos países industrializados do Este e Sudeste Asiático, em que Macau se inclui, o problema dos idosos colocar-se-á na Ásia muito mais depressa do que se colocou na Europa. Na hipótese de uma população não mais sujeita a

movimentos migratórios, o Território debater-se-ia, dentro de 40 anos, com o facto de ter de suportar uma população idosa superior à população activa.

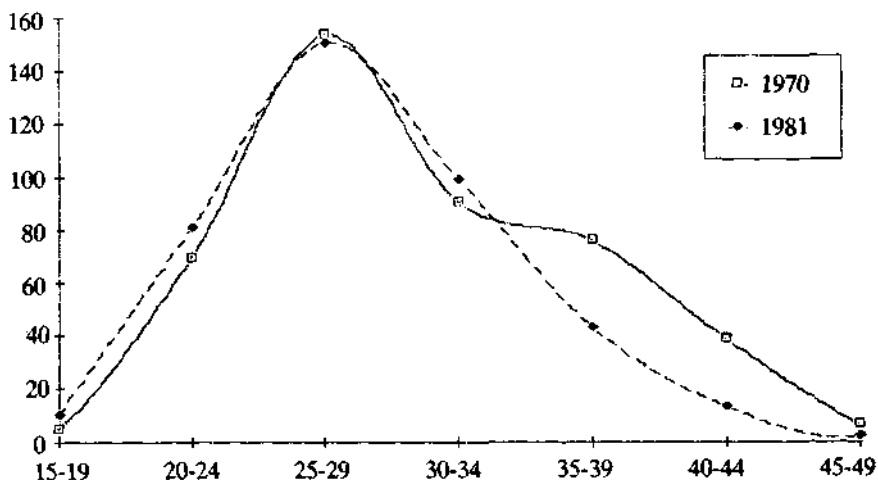
A quebra da fertilidade está relacionada com o facto dos casamentos ocorrerem em idades menos jovens e de ter decrescido o número de nascimentos por mulher.

De acordo com os resultados dos Recenseamentos da População de 1970 e 1981, a idade média à data do casamento elevou-se de um ano naquele período, para ambos os sexos, atingindo os 30 anos para o sexo masculino e os 27 anos para o feminino em 1981³. O padrão de comportamento que leva as mulheres a casarem com homens mais velhos tem tendência a manter-se na medida em que não existem parceiros em número suficiente no mesmo escalão etário.

Em consequência de casamentos tardios, a idade média da mulher à data do nascimento do primeiro filho situa-se, actualmente, em Macau, nos 29 anos.

Taxas de fertilidade em 1970 e 1988

[Gráfico n.º 2]



4. MORTALIDADE

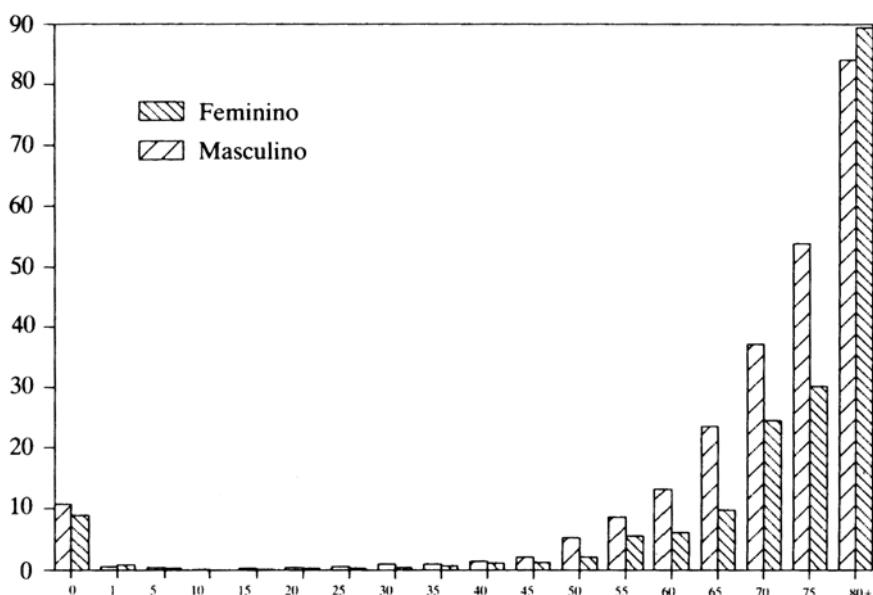
Efeito também do processo de transição demográfica, Macau regista uma taxa de mortalidade decrescente, que atinge os 6,1% em 1970 e os 3,3% em 1988. Para esta evolução contribuiu, de forma significativa, a taxa de mortalidade infantil, ou seja, os óbitos com menos de um ano no total dos nascimentos com vida. Este indicador, que se situa actualmente nos 9%, atingia os 23% em 1975. A decomposição da taxa de

³ Estimativa baseada no método de John Hajnal.

mortalidade infantil permite ainda verificar que a evolução deste indicador se explica pela tendência decrescente da mortalidade pós-neonatal. Com efeito, em consequência da melhoria das condições de vida no Território e, em particular, da prestação de cuidados de saúde, foi possível diminuir a mortalidade no escalão de um mês a um ano de idade dada a natureza exógena das principais causas de morte naquele grupo, habitualmente relacionadas com acidentes, infecções e doenças do aparelho respiratório. Ao contrário, as causas da mortalidade durante o primeiro mês de vida são essencialmente de natureza endógena e estão associadas a malformações congénitas e a complicações do parto, por conseguinte dificilmente baníveis no curto prazo.

Taxas de mortalidade em 1988

[Gráfico n.º 3]



Embora o valor actual da taxa de mortalidade seja, em parte, consequência de uma idade média baixa da população, deixa antever uma esperança de vida à nascença elevada. O número de anos que uma criança recém-nascida no Território pode esperar viver, se sujeita ao padrão actual de mortalidade, é de 76 anos se for do sexo masculino, e atinge os 81 se for do sexo feminino.

À semelhança de outros países do Este e Sudeste Asiático, o primeiro grupo de causas de morte em Macau são as doenças do aparelho circulatório. Os tumores e as doenças do aparelho respiratório são, respectivamente, o segundo e terceiro grupos.

Conforme reflecte o gráfico n.º 3, a ocorrência dos óbitos varia no entanto com a idade, verificando-se para cada escalão etário um diferente

ordenamento dos principais grupos de causas de morte. Contudo, dado o elevado contributo para a mortalidade dos indivíduos com idades superiores aos 64 anos, a hierarquização das causas de morte nestes escalões determina o seu posicionamento para a população em geral.

Em suma, o desenvolvimento económico e social do Território determinou um processo de transição demográfica que se traduziu na quebra da fertilidade, precedida pela da mortalidade. Os intensos movimentos migratórios que tiveram lugar a partir da década de 70, reforçaram o processo evolutivo em curso, na medida em que assumiram um cariz eminentemente económico. Neste contexto, a população imigrante, apesar de maioritariamente em idade fértil, não determinou qualquer alteração na tendência decrescente da taxa de fertilidade nem tão pouco na de mortalidade, habitualmente pouco afectada por estes grupos etários.